"Guardar para não perder": Casas de Sementes Crioulas e Desenvolvimento Territorial no Rio Grande do Sul

"Save to Not Lose": Seed Houses of Creole Varieties and Territorial Development in Rio Grande do Sul

Cícero Bacchieri Duarte Cavalheiro
Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul (RS), Brasil
Lúcio André de Oliveira Fernandes
Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul (RS), Brasil

GT 07 - Desenvolvimento rural, territorial e regional

Resumo: O presente estudo tem por objetivo analisar, de forma exploratória, a contribuição das Casas de Sementes Crioulas para o desenvolvimento territorial no Rio Grande do Sul, a partir da percepção de atores-chave envolvidos com a conservação e circulação de sementes locais. Adota-se uma abordagem qualitativa baseada em revisão bibliográfica e entrevistas semiestruturadas com informantes-chave (pesquisador da Embrapa e fundador de associação de guardiões de sementes), cujas falas foram gravadas, transcritas e submetidas à Análise de Conteúdo para identificação de categorias emergentes. Os resultados indicam que as Casas de Sementes funcionam como repositórios comunitários da agrobiodiversidade, fortalecendo a soberania alimentar, a resiliência frente às mudanças climáticas e a autonomia dos agricultores familiares; contudo, sua eficácia depende da articulação em rede com programas de multiplicação, unidades de beneficiamento e políticas públicas favoráveis. Conclui-se que as Casas de Sementes são estratégias de conservação da agrobiodiversidade essenciais para o desenvolvimento territorial, exigindo integração institucional, apoio técnico e modelos de gestão que ampliem sua escala e sustentabilidade.

Palavras-chave: sementes crioulas, agrobiodiversidade, desenvolvimento territorial

Abstract: This exploratory study analyzes how Seed Houses for creole varieties contribute to territorial development in Rio Grande do Sul from the perspectives of key actors involved in local seed conservation and circulation. A qualitative approach combined literature review and semi-structured interviews with two strategic informants (an Embrapa researcher and the founder of a seed guardians association); interviews were recorded, transcribed, and submitted to Content Analysis to identify emergent categories. Findings show that Seed Houses operate as community repositories of agrobiodiversity, reinforcing food sovereignty, farmer autonomy, and resilience to climate variability. Their effectiveness, however, depends on articulation with seed multiplication programs, seed processing units, and supportive public policies, as well as on technical assistance and institutional integration. The study concludes that Seed Houses are essential instruments of agrobiodiversity conservation for territorial development, requiring networked governance, capacity building, and management models that enhance scale and sustainability.

Keywords: creole seeds, agrobiodiversity, territorial development

1. Introdução

A agricultura, desde suas origens, sempre esteve ligada à diversidade biológica cultivada e manejada pelas comunidades humanas. No entanto, o processo de modernização agrícola, intensificado pela chamada Revolução Verde, trouxe consigo impactos negativos como a erosão genética, a dependência dos agricultores em relação às sementes comerciais e a

marginalização dos saberes tradicionais. Nesse contexto, as sementes crioulas emergem como patrimônio genético e cultural, fundamentais para a soberania alimentar e para a resiliência dos agroecossistemas.

O problema que se coloca é: de que forma as Casas de Sementes Crioulas contribuem para o desenvolvimento territorial no Rio Grande do Sul? Essa questão orienta a pesquisa ao considerar tanto os desafios impostos pela agricultura convencional quanto as alternativas construídas por agricultores familiares e guardiões de sementes.

Parte-se da hipótese de que as Casas de Sementes Crioulas funcionam como instrumentos estratégicos de conservação da agrobiodiversidade e, ao mesmo tempo, como espaços de fortalecimento da autonomia comunitária e da soberania alimentar, contribuindo para processos de desenvolvimento territorial sustentáveis.

O objetivo geral do estudo é analisar a contribuição das Casas de Sementes Crioulas para o desenvolvimento territorial no Rio Grande do Sul, a partir da percepção de atores-chave envolvidos com a conservação e circulação de sementes locais. Como objetivos específicos, busca-se:

1. Conhecer o panorama sobre o tema das Casas de Sementes no Rio Grande do Sul;
2. Analisar a articulação das Casas de Sementes com políticas públicas, instituições, movimentos sociais e associações de agricultores;
3. Discutir as potencialidades das Casas de Sementes como instrumentos de fortalecimento dos territórios da agricultura familiar.

A justificativa para este estudo reside na emergente relevância das Casas de Sementes Crioulas como espaços estratégicos na articulação de comunidades rurais, principalmente diante de cenários de secas e enchentes. Além de preservar variedades locais e garantir a continuidade de práticas culturais, essas iniciativas fortalecem a autonomia dos agricultores familiares e ampliam as possibilidades de desenvolvimento territorial baseado na diversidade, na cooperação e na sustentabilidade. A escassez de dados atualizados sobre essas experiências no Rio Grande do Sul reforça a pertinência da pesquisa, que busca contribuir para a valorização e o fortalecimento dessas práticas comunitárias.

2. Revisão de literatura

2.1 Agricultura, agrobiodiversidade e sementes crioulas

Foi na era neolítica que populações humanas começaram a manipular plantas, selecionando espécies e impondo-lhes condições artificiais de cultivo e reprodução. Embora

rudimentares e primitivas, tais práticas configuraram o que Mazoyer (2010) denomina "Revolução Agrícola"[1], pois marcaram uma ruptura decisiva na história das sociedades humanas. Esse processo inaugurou a protoagricultura, permitindo a consolidação da sedentarização dos caçadores-coletores, estabelecendo comunidades estáveis e inaugurando novas estruturas sociais e econômicas.

Após várias gerações, essas linhagens sistematicamente cultivadas perderam traços selvagens e, simultaneamente, adquiriram novos caracteres que foram mantidos e transmitidos. Na medida em que as comunidades humanas adotaram práticas mais sofisticadas de seleção e domesticação, estas populações passaram a ocupar e a se adaptar à uma grande diversidade de ambientes, solos e manejos. Esta interação e adaptação entre planta, ambiente e ser humano pode ser compreendido como um processo de coevolução, responsável pela origem do que é conhecido como *agrobiodiversidade*, ou seja, o conjunto de espécies que acompanharam diretamente a história e o desenvolvimento das sociedades humanas.

Para a atualidade, a magnitude deste processo se evidencia diante da importância da agrobiodiversidade para o meio ambiente, pelos seus serviços ecossistêmicos e para a reprodução social de diversos grupos sociais, principalmente aqueles que sustentam práticas vinculadas à uma agricultura tradicional, de subsistência e sob princípios agroecológicos. Para estes grupos, a agrobiodiversidade, representada pelas sementes crioulas, constitui não só um símbolo que conecta à ancestralidade e a identidade cultural, mas também a materialização de um patrimônio genético insubstituível e um pilar fundamental para a resiliência agrícola e segurança alimentar.

2.2. A modernização da agricultura e suas consequências

Apesar deste longo processo, foi somente na metade do século passado que a humanidade começou a desenvolver e integrar um conjunto de conhecimentos, práticas e tecnologias que culminaram numa agricultura completamente distinta daquilo que se conhecia, atingindo uma escala inédita de produção e novos potenciais horizontes, o que implica evidentemente em impactos e desafios proporcionais.

Não à toa, este processo de modernização da agricultura ficou conhecido como Revolução Verde, pois marcou transformações profundas que configuraram uma verdadeira ruptura com o modelo tradicional de agricultura. Este modelo emergente é caracterizado por ser compatível com um pacote tecnológico que combina o uso de sementes melhoradas, insumos industriais e maquinário intensivo.

Para a modernização agrícola foi necessário desenvolver e selecionar variedades de plantas capazes de absorver e potencializar os efeitos de tais insumos químicos. As plantas passaram a ser, também, selecionadas em função de características mais adequadas à mecanização: variedades mais homogêneas quanto à data de maturação, mais fáceis de debulhar etc. O objetivo não era apenas adaptar as variedades de plantas ao uso dos adubos químicos, mas, também, aos novos meios mecânicos e às exigências da indústria agroalimentar (Riechmann, 2011 *apud* Santilli, 2009). Assim, esta agricultura emergente submeteu os agroecossistemas à lógica de mercado, simplificando e intensificando os processos produtivos e homogeneizando a paisagem a fim de ajustar a produção à um ritmo industrial e ao mercado global de commodities. Decorrente deste fenômeno, emergiu uma série de contradições sociais, desafios econômicos e ameaças ambientais.

Retirou-se o protagonismo dos agricultores e agricultoras, detentores de saberes e práticas fundamentais para conservação e manejo da agrobiodiversidade, os transformando em possíveis "usuários finais do trabalho desenvolvido pelos técnicos do melhoramento vegetal" (Santilli, 2009). Outro efeito foi que a utilização das sementes melhoradas gerou uma dependência dos agricultores, obrigando-os a adquirir todos os anos no mercado, sementes para fazer as lavouras (Cordeiro et al, 1993)

O processo de modernização da agricultura também causou mudança significativa na prática dos agricultores de selecionar plantas e conservar sementes crioulas. A recuperação deste patrimônio cultural diz respeito à própria preservação da biodiversidade existente no planeta e a co-evolução de sistemas agrícolas (Altieri, 2002). Além disso, a evolução da agricultura mundial tem levado à ocorrência de problemas preocupantes a toda sociedade como: a erosão genética, a simplificação dos sistemas produtivos e o empobrecimento da agricultura familiar. A erosão genética é responsável pelo desaparecimento de populações com genes de adaptabilidade específica (Bevilaqua et al., 2009).

O ambiente institucional não é favorável para contornar estes desafios. As leis de sementes deveriam, pelo menos, não prejudicar os esforços para a conservação e o uso da biodiversidade agrícola. Mais do que isso, deveriam manter coerência com o princípio constitucional que determina ao poder público a obrigação de preservar a diversidade e a integridade do patrimônio genético brasileiro, com medidas destinadas a salvaguardar a diversidade genética, de espécies agrícolas e agroecossistemas, através do fortalecimento dos sistemas locais e de medidas de apoio a experiências de resgate, produção, multiplicação e distribuição de sementes locais, como feiras, casas e bancos de sementes comunitários, além

do apoio a programas de melhoramento participativo, realizados com a participação dos agricultores (Santilli, 2009).

Como agravante destas contradições, a conjuntura global desfavorece ações que visem o resgate e a conservação da agrobiodiversidade. Os países periféricos, historicamente marcados pela condição de subdesenvolvimento e dependência, e principalmente os que, como o Brasil, sustentam suas economias em um modelo exportador de commodities, submetem-se à lógica do agronegócio e da agricultura convencional em detrimento da agroecologia, que conta com uma escassez em políticas públicas e demais formas de incentivo, além de um ambiente institucional desfavorável.

2.3. O papel das casas de sementes crioulas para o desenvolvimento territorial

Diante desta problemática, pretende-se nesta pesquisa destacar a necessidade de promover os modelos participativos e as ações coordenadas entre instituições, movimentos sociais e organizações comunitárias que contribuam para o resgate, reprodução e conservação de sementes crioulas. Estas ações articulam de forma complementar diferentes estratégias, buscando estimular além da conservação *ex situ,* em bancos de germoplasma, como a conservação *in situ* e *on farm,* onde há condições de coevolução da planta com o ambiente. Nesta estratégia de conservação, a figura dos agricultores guardiões de sementes, ou seja, aqueles que manipulam as sementes em seu cotidiano e acompanham seu ciclo de vida da planta, assume uma posição central.

Um exemplo de estratégia local, numa dimensão familiar, é a estratégia dos "guardiões", agricultores comprometidos com o resgate, cultivo e proteção de variedades crioulas. No Brasil, a tradição das famílias rurais em cultivar suas plantas, multiplicá-las via sementes, armazenando-as em suas propriedades e intercambiando-as com os vizinhos, tem-se consolidado ao longo das décadas. Este hábito enfatiza as práticas de conservação da diversidade agrícola, tais como coleta, caracterização e adaptação de germoplasma das variedades locais. (Almeida e Cordeiro, 2002).

Entre as estratégias de conservação do material crioulo, numa dimensão comunitária estão as "casas de sementes", que são espaços organizativos que visam o manejo comunitário da agrobiodiversidade através da guarda coletiva de sementes, com gestão coletiva dos estoques (Proença, 2022). São espaços destinados para acondicionar o material crioulo em sua diversidade, armazenado sob critérios técnicos, visando a proteção e conservação das espécies e variedades crioulas, constituindo uma unidade de conservação da agrobiodiversidade que

atinge uma significativa influência para o território, sendo um banco repositório da diversidade cultivada localmente.

Nestes espaços os agricultores associados fazem a guarda coletiva das sementes, permitindo-lhes um acesso facilitado e disponibilidade simplificada às sementes. Nas casas de sementes se preconiza, dentro do possível e praticável, a manutenção de um estoque de sementes devidamente identificadas, catalogadas em categorias, caracterizadas e registradas.

As casas de sementes crioulas, também conhecidas como os bancos de biodiversidade, desempenham um papel determinante para a segurança alimentar, nutricional e cultural, que fortalecem a soberania dos agricultores familiares, e restringir o uso de sementes transgênicas e híbridas que ameaçam o patrimônio genético de suas regiões (Santos; Monteiro, 2018).

Contudo, há uma carência de informações e dados atualizados que ofereçam um panorama sobre a situação destas iniciativas no estado do Rio Grande do Sul. Esta lacuna torna-se mais crítica na medida em que as mudanças climáticas ameaçam os agroecossistemas, aumentando a vulnerabilidade de comunidades rurais. Este cenário justifica um certo senso de urgência em fortalecer e estimular iniciativas de Casas de Sementes Crioulas como uma importante ferramenta para o Desenvolvimento Territorial, sendo fundamental para a resiliência dos agroecossistemas, para a agricultura familiar e autonomia dos povos.

O Desenvolvimento Territorial compreende o território como um espaço dinâmico de disputa e construção social, no qual diferentes atores interagem e negociam projetos de futuro. Mais do que simples crescimento econômico, trata-se de um processo que valoriza a diversidade cultural, fortalece capacidades locais e promove autonomia, reconhecendo que o desenvolvimento emerge da mobilização social e da gestão coletiva dos recursos e potencialidades existentes. Desta forma, o objetivo deste trabalho é analisar, de forma exploratória, como as Casas de Sementes Crioulas contribuem para o desenvolvimento territorial no Rio Grande do Sul, a partir da percepção de diferentes atores sociais.

3. Metodologia

Este trabalho configura-se como etapa preliminar (pré-campo) para uma investigação mais ampla sobre o tema em uma dissertação de mestrado em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa e exploratória, preconizando a coleta de dados por meio de revisão bibliográfica e entrevistas semi-estruturadas com informantes-chave envolvidos diretamente com o tema das casas de

sementes no Rio Grande do Sul.

A temática das Casas de Sementes é ainda incipiente no estado do Rio Grande do Sul, o que justifica o caráter exploratório desta pesquisa. Isto implica em um necessário processo de aproximação com o tema, anterior a qualquer aprofundamento e abstração. Este cercamento é justamente o que se pretende concluir neste trabalho. Com isso, procura-se compreender o objeto de estudo, no caso as Casas de Sementes, sob a perspectiva das experiências subjetivas dos atores envolvidos com as Casas de Sementes e a relação com o território onde estão inseridas. Estas entrevistas têm a finalidade de levantar e reunir dados que, combinados e analisados, revelam um panorama geral atualizado sobre a atuação destes espaços na conservação da agrobiodiversidade, resgatando seus históricos, horizontes e desafios.

3.1. Seleção da amostra e participantes

Dada a complexidade do objeto de estudo e as limitações de tempo inerentes a esta etapa, optou-se por uma amostragem intencional não probabilística, por julgamento. Buscou-se selecionar informantes-chave que ocupam posições estratégicas em diferentes esferas de atuação, permitindo uma triangulação de perspectivas relativas ao tema. Essa seleção reduzida visa garantir a profundidade da análise qualitativa, considerando as diferentes visões, formações e atuações dos entrevistados. Assim, selecionou-se dois participantes: Um Agrônomo, pesquisador da Embrapa com farta experiência no tema das sementes crioulas no Rio Grande do Sul e um Historiador, especializado em Rio Grande do Sul, fundador da Associação dos Guardiões de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade de Rio Grande. Se identificou outros potenciais informantes que, devido à limitações logísticas de deslocamento e compatibilidade de agendas, foram suprimidos desta seleção.

3.2. Coleta de dados

A coleta de dados realizou-se através de revisão bibliográfica sobre o tema e entrevistas semiestruturadas com informantes chave, utilizando-se de instrumentos como gravador de áudio para entrevistas. Foram elaborados roteiros norteadores adaptados para cada categoria de entrevistado, tangenciando o tema das sementes crioulas e das casas de sementes com a história e formação dos entrevistados. As perguntas elaboradas convergem para eixos centrais em comum, partindo de um resgate histórico, contextualização atual, perspectivas e desafios relacionados ao tema. As entrevistas foram realizadas presencialmente

com duração média de 80 minutos. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos acadêmicos da pesquisa. Foi solicitado o consentimento verbal para a gravação de áudio, garantindo-se a possibilidade de anonimato e a devida confidencialidade das informações, conforme as diretrizes éticas da pesquisa em ciências sociais.

3.3. Análise de dados

O material coletado foi transcrito e submetido à Análise de Conteúdo. O processo envolveu a pré-análise com leitura flutuante, a exploração do material através da codificação e o tratamento dos resultados via inferência e interpretação. As categorias de análise emergiram da relação entre a teoria de desenvolvimento territorial e os relatos, buscando identificar como as Casas de Sementes atuam numa dimensão territorial.

4. Análise de resultados

4.1. Entrevistado nº1.

É farta a experiência do pesquisador entrevistado com relação à agricultura familiar e produção de sementes. Atuando como pesquisador da Embrapa há 27 anos, pauta a conservação da agrobiodiversidade buscando integrar projetos com outras organizações. Segundo ele, foi em 2003 que o termo sementes crioulas ganhou espaço, através de projetos ligados ao Fome Zero. As sementes crioulas ganham este reconhecimento pela evidente relação direta com a segurança alimentar e nutricional e surge o termo guardião de sementes, mais relacionado à valorização da soberania genética.

> Primeiro, no início, nós não trabalhávamos com sementes crioulas. Foi depois, a partir do governo Lula, a partir de 2003, que aí se começou realmente a botar dinheiro nisso dentro da Embrapa. Foi o projeto Fome Zero, que foi o primeiro precursor que a gente começou a fazer essa articulação aqui com as organizações. Foi quando eu ouvi falar em guardião de sementes. Até então a gente não usava esse conceito. (Entrevistado nº1, 2026)

Inicialmente, o trabalho da Embrapa se limitava em focar no aspecto da genética da semente crioula, enquanto o sujeito que manipula a semente no seu cotidiano ainda ocupava um espaço de menor destaque.

> Era um trabalho mais de conservação, de banco de germoplasma. Só que se resgatava e se guardava. Aí teve o projeto das sementes criolas, que a gente trabalhava com feijão, feijão miúdo, com outras culturas, milho, feijão, feijão miúdo, hortaliças, uma série de culturas que a gente trabalha aqui até hoje. Começamos a dar, além do resgate, então, o uso para essas variedades. Fazer o melhoramento genético dessas variedades. Então, a ideia era usar as variedades criolas como fonte de novas variedades, através de um processo de seleção. E os guardiões, então, surgiu já como uma fase 2 da semente crioula. A gente viu que nós temos que trabalhar com o sujeito que guarda, que cuida dessa semente. O primeiro projeto dos guardiões de sementes é de 2008. (Entrevistado nº1, 2026)

A Embrapa já vinha desenvolvendo diversos trabalhos de caracterização das variedades, valorizando o material crioulo como base genética para novas cultivares, pelas suas características típicas e aptidões. No entanto, foi apenas em 2008 que surgiu o primeiro projeto destacando o papel do guardião de sementes na conservação da agrobiodiversidade. Esse projeto revelou que o processo é mais complexo, exigindo múltiplas estratégias que atuam de forma integrada e complementar.

> Começou-se a estudar, então, essa questão aí da caracterização agronômica. Se incorporou outros itens como qualidade nutricional, durabilidade do fruto, potencial multiuso, que poderia ser usado para várias coisas. E aí, depois, quando surgiu o guardião, aí se ampliou para que as variedades crioulas pudessem também incorporar esse sujeito aí, o guardião. Incorporado aos programas de melhoramento, para avaliação conjunta. Não é que a gente tenha que fazer um determinado tipo de trabalho, assim, né? Que resolve o problema. Mas tem que ter tudo.

Outra etapa importante deste processo é a seleção de variedades de alto desempenho, identificando variedades que revelem potencial para comercialização em volume. Isto depende de um programa que articule ações coordenadas que, além de multiplicar a semente, favoreça a circulação destas sementes pelo território. As casas de sementes abrigam esta diversidade de forma facilitada e acessível.

> Nós temos também aqui as variedades crioulas que são selecionadas, elas têm que também ter um programa de multiplicação para que elas possam chegar ao agricultor. Sair do banco de germoplasma e chegar no agricultor. Sair do nível do agricultor, da propriedade, e alcançar o nível do território. Por exemplo, se tu pensar em variedades criolas com alto rendimento que nem o feijão TB0220, que é rico em ferro e zinco, são poucas. Esse aí vai ter um apelo comercial grande. Mas é um entre outras 50 que vão circular no âmbito regional do guardião. Nós teríamos uma ênfase na biodiversidade dentro da casa de sementes, de aumentar essa biodiversidade. Porque do outro lado, com as UBS vai diminuir a diversidade, vai trabalhar com pouca. São 10 variedades de milho frente a centenas… Feijão também vão ser 10 variedades de feijão frente a milhares. (Entrevistado nº1, 2026)

Fica evidente que, para um programa de sementes, existe a necessidade de reconhecer a magnitude do processo, identificando a função de cada ator, os possíveis gargalos e obstáculos. Assim, a Embrapa atua em diversas frentes de pesquisa, relacionadas à cada uma das etapas do programa. Crucial neste processo é a articulação entre organizações, instituições e movimentos em geral.

> O programa de sementes é uma corrente de vários elos: A empresa de melhoramento, a empresa de multiplicação, a empresa de sementeira, a empresa de insumo, o agricultor. Se um elo daqueles ali não funciona, se foi o programa todo, tu fica com ele aos pedaços. Semente crioula é a mesma coisa, vai ter vários elos. O elo do guardião até o elo do agricultor final lá que vai comprar a semente lá para plantar a sua lavoura. Porque o guardião, ele trabalha com a genética. E aí a pesquisa incidia em todos esses elos, antes na parte das novas variedades, assim como neste elo onde a gente trabalha, que é o elo com o guardião. Então, nós temos novos atores que estão entrando. Se a gente pensar numa UBS, pensar no guardião, na articulação do guardião com o banco, com as cooperativas. Como que se dá isso aí? São todos

componentes do sistema, dessa corrente, esses elos aí. (Entrevistado nº1, 2026)

Diante dos desafios relacionados à comercialização, é necessário pensar um projeto bem estruturado, que integre os diferentes níveis de conservação, desde o guardião, passando pelas casas de sementes, e culminando nas Unidades de Beneficiamento de Sementes (UBS).

> Eu vejo um grande programa, um programa nacional de produção de sementes fiscalizadas. Um programa autogestionário, que a avaliação da qualidade é o próprio produtor que faz. Mas pra ter esse programa de semente genética, vai ter que ter o guardião, a variedade, o laboratório atestando a qualidade, a semente de origem. Nessa conformação, a ideia é que as variedades crioulas, elas usem esses programas, essas bases do Alelo (Alelo é um programa da Embrapa, do Ministério, para registro das variedades). Então, é um repositório de informações, das variedades que tem no Brasil, que são utilizadas. (...) Então, está tudo fechando para esse grande programa de sementes. Está tudo caminhando para isso. Como é que é a diferença? É a qualidade da informação, porque tem variabilidade. Então, vai ser um registro muito mais simples, simplificado. Que as próprias entidades vão alimentar aquilo ali. (Entrevistado nº1, 2026)

Se reconhece a casa de semente como um espaço que conserva as sementes crioulas em sua diversidade e que o agricultor possa recorrer a casa de semente para acessar essas variedades.

> A casa de sementes é uma estratégia complementar, mas eu acho que é muito importante. Que poderia servir um número X de famílias. Mas a casa de semente, elas se inserem no meio não pra dar escala. Mas, pra eles, funcionar como uma espécie de repositório das variedades. Então, nós vamos pensar uma casa de sementes com um conjunto de equipamentos, uma geladeira, uma balança. E que vai, então, gestionar aquela diversidade ali: O cara perdeu a semente, vai lá buscar. Mas me parece que a casa de sementes, ela não é um espaço para multiplicar a semente. Isso aí, quem faz, é uma cooperativa e uma UBS. Ela é um espaço de conservação, um repositório, que acaba sendo um espaço de segurança. A casa de sementes acaba sendo um espaço para a diversidade, já o espaço da UBS é um espaço comercial. (Entrevistado nº1, 2026)

A estratégia das casas de sementes tem forte inspiração nas experiências já consolidadas no Nordeste, referentes à ações da Articulação do Semi-Árido. Considerando as ameaças das mudanças climáticas, trata-se de estratégia necessária e promissora, com as devidas adaptações para os territórios gaúchos.

> Aqui para o sul essa questão ambiental não é tanto o problema. Lá para o nordeste essa questão aí é muito cara. Porque lá eles têm que ter o banco, eles têm que ter o espaço de conservação. Porque senão eles não têm a semente disponível na hora que eles precisam. Aqui a coisa já é mais diferente, né? As questões são diferentes, não tem como tu fazer uma regra única para todo o Brasil. Mas eu acho uma estrutura seria necessário. Uma estrutura mínima, regional, de uma casa de sementes, esse espaço de segurança, que tivesse um conjunto de equipamentos e que o agricultor pudesse, inclusive, dispor desta estrutura. (Entrevistado nº1, 2026)

Toda estratégia subsidiária ao guardião de sementes é significativa, desde a consolidação de espaços físicos como as casas, como espaços virtuais que integram os atores e disponibilizam dados. São ferramentas que auxiliam no desempenho e articulação das casas

e dos guardiões.

> Tem a ideia, inclusive, que poderia fazer ligado na internet, ter um banco dinâmico de semente que mostre inclusive, quantidades, quanto tirou etc… Ter um cadastro dinâmico das sementes numa rede de casas ou agricultores, uma rede de guardiões, rede de associações de guardiões. Mas, assim: nada que possa substituir o papel do guardião de semente, que é aquele cultivo, a seleção pelo uso, o melhoramento pelo uso. São estratégias de níveis diferentes. (Entrevistado nº1, 2026)

A semente crioula carrega um poder simbólico muito significativo, podendo ser considerada um elemento interdisciplinar por excelência. Isto confere às casas de sementes um potencial de desempenhar múltiplas funções na comunidade, sendo muito compatível com o ambiente escolar, principalmente em EFAs, pois dialogam diretamente com a realidade cotidiana dos estudantes, somado ao fato de serem espaços públicos, seguros e de fácil acesso.

> Essas casas de sementes aqui no Rio Grande do Sul, assim, é muito um espaço com escolas. Escolas família agrícolas, onde tem um técnico, uma pessoa, um guardião, ou uma associação que cuide. Pode ser um espaço de troca ali dos agricultores, das famílias conseguirem acesso a sementes e multiplicar isso. A questão é tornar isso aí, tornar esse espaço autossustentável. Sem dúvida um espaço fundamental para o banco, para a casa de sementes, ele está nas escolas. Porque as escolas já estavam preocupadas com isso aí. É porque para as escolas técnicas, pensando em uma EFA ou até um IF. Essa parte das sementes seria um projeto pedagógico. Que incorpora a questão da questão da alimentação, a ciência, a agricultura, incorpora a questão social, das famílias buscarem as sementes, devolver. (Entrevistado nº1, 2026)

Existe um projeto de democratização da genética da Embrapa que visa disponibilizar o material retido nos bancos de germoplasma, tornando-os acessíveis para agricultores, enriquecendo a diversidade nas casas de sementes e garantindo a preservação e adaptação deste material.

> O que nós estamos fazendo acaba se casando com a ideia da democratização da genética Embrapa. Que é aquilo que está depositado, guardado dentro dos bancos de germoplasma da Embrapa. Que a gente possa disponibilizar isso aí. Que isso possa acessar o agricultor. Que não fique parado aqui dentro. Se não o que vai acontecer? Nós vamos perder isso aí. Nós temos as variedades aqui da Embrapa, de feijão que foi liberado lá há 15 anos. Feijão minuano, Feijão do Irajá, lá da década de 70. A Embrapa não vai produzir semente disso. A casa de semente vai ser um repositório dessas variedades tradicionais, tendo um papel fundamental nessa questão da biodiversidade. (Entrevistado nº1, 2026)

A falta de apoio é percebida com um certo senso de urgência em consolidar iniciativas de casas de sementes, que no estado conta, em geral, com ações relativamente incipientes, tímidas, isoladas e pouco articuladas. O Poder Público, as Organizações e Instituições são pouco atuantes, com ações pontuais, limitadas e pouco efetivas, diante da magnitude dos desafios.

> Falta apoio público. Eu acho que isso é uma estratégia de Segurança Nacional, de Soberania. Porque a Embrapa quando cria um programa de democratização da genética da Embrapa, falta algo a mais. Tem que também disponibilizar ferramentas

> para esses agricultores poderem desenvolver um trabalho de fundamento. A gente vê que tem pessoas que tem essa noção, mas não está acontecendo. Que nem Rio Grande que tem essa lei de de pagamento por serviços ambientais, Lei de apoio a produção orgânica e aos guardiões de sementes. Isso oferece algum tipo de vantagem para essas pessoas. (Entrevistado nº1, 2026)

A relação entre as casas de sementes e o desenvolvimento territorial é direta e evidente, considerando que são abrigos da agrobiodiversidade dos grupos sociais rurais em sua diversidade, com uma variedade de espécies que compõem a cultura alimentar e a identidade destes grupos vinculada ao território. Neste caso, o conceito de desenvolvimento como crescimento econômico ou industrialização dos processos representa uma ameaça à diversidade na medida em que impõe a simplificação e a homogeneização da produção.

> O espaço da biodiversidade é o espaço da agricultura familiar. Essa agricultura diversificada com variabilidade é que propicia essa seleção. Então, propicia que novas variedades vão surgindo. E essa diversidade é que acaba criando um desenvolvimento sustentável que não seja só uma coisa de "instalação de uma agroindústria", mas de outras coisas, a cana para açúcar, cana para rapadura, cana para não sei o que lá. O amendoim para rapadura, o amendoim para alimentação. Enfim, todas essas outras espécies. (Entrevistado nº1, 2026)

A manutenção da diversidade não é um processo individual e isolado. As Casas de Sementes centralizam este trabalho, estendendo-se para a comunidade e aumentando assim a garantia de salvaguardar variedades mais ameaçadas pela erosão genética. Isto auxilia na proteção à variedades que desempenham múltiplas funções, não só vinculadas ao manejo e produção, mas também com finalidades culturais e religiosas, representando um importante componente da identidade territorial.

> Fica difícil para um agricultor manusear toda essa diversidade. Através da casa de sementes me parece que se amplia do milho, do feijão, e aí entra uma série de outras espécies, assim, que às vezes tem só num agricultor e que se acontece alguma coisa, desaparece. Uso o sopinha como exemplo. Tem um espaço enorme lá, o potencial dele, desde a parte da alimentação, da forrageira, da alimentação animal, do solo, do manejo do solo. Até as festas religiosas. Ficou na mão de poucas famílias. Deu esses problemas todos aí e hoje tu vê resíduos de feijão sopinha lá naquela região. (Entrevistado nº1, 2026)

A diversidade é um indicador de desenvolvimento, relacionado à qualidade de vida, segurança alimentar e nutricional. Enquanto o monopólio empresarial, o padrão comercial, a homogeneidade, representa a queda na saúde e no bem estar.

> Por exemplo, a região norte da Itália, foi nos anos de 1990, por conta da agricultura familiar que tinha lá, com cooperativas, queijos, leite, iogurte, etc, tinha uma diversidade enorme lá. Era a região de mais alto nível de qualidade de vida do mundo. O que tinha naquilo lá? Diversidade. Era produção de leite, iogurte, de salame, com um grande número de agricultores. O que aconteceu? As grandes empresas tomaram conta daquilo. (Entrevistado nº1, 2026)

Existem projetos que a Embrapa participa os quais captam recursos para atuação em

conjunto com outras entidades, de promoção às sementes crioulas e agroecologia em diálogo com os guardiões e com os territórios. As casas de sementes não aparecem nestes projetos como centrais, mas como estratégias subsidiárias e complementares para a conservação da agrobiodiversidade, tratados como EACs ou "espaços de aprendizagem coletiva", mas existe a intenção de trazer um enfoque mais direto de estruturação de casas de sementes em projetos futuros.

> São três eixos esse projeto de Ações da Rede de Sementes Crioulas e Agroecológicas Sul. Primeiro, inicialmente, ele serve para apoiar as redes e entidades locais: a Cooperativa União, o CAPA, a Cooperbio etc. Fortalecer os guardiões e essas entidades, identificar esses espaços, essa rede toda, dar a conformação do que nós temos no território. Depois tem um aspecto de melhoramento participativo, que é de avaliação das variedades, crioulas e melhoradas, juntos, com ensaios colaborativos, com vista a registro de novas variedades para os sistemas agroecológicos. E uma terceira ponta é a parte da adaptação dos sistemas de produção, melhoria, aquisição de insumos, máquinas. Então, proposição de novos sistemas de produção para o aumento da produção de sementes. (Entrevistado nº1, 2026)

As casas de sementes não aparecem nestes projetos como centrais, mas como estratégias subsidiárias e complementares para a conservação da agrobiodiversidade, tratados como EACs ou "espaços de aprendizagem coletiva". Apesar disso, existe a intenção de trazer um enfoque mais direto na estruturação de casas de sementes em projetos futuros, dado fato que se percebe uma convicção e consenso entre os atores envolvidos sobre a necessidade de fortalecer essas iniciativas, reconhecendo-as como importante elo desta rede de conservação da agrobiodiversidade.

> Casa de sementes está lá, são tratados lá como espaços de aprendizagem coletiva. Então, nós tínhamos que fortalecer dez casas de sementes que já existiam, e identificar outras quatro durante o período do projeto. E agora a gente está entrando em outros projetos para apoiar realmente essas casas, com equipamentos. Botar uma geladeira, uma balança, um determinador de umidade. Pensávamos até num mini laboratório de sementes, uma câmara de germinação, uma coisa assim, mas não rolou. Não está maduro ainda. E agora a gente está numa outra lógica, assim, que a gente viu que realmente o caminho era a casa de sementes. Nós estamos atrasados, mas eu acho que essa questão dos bancos é uma questão já pacificada: É o caminho. (Entrevistado nº1, 2026)

É significativo o potencial desempenho das variedades crioulas para os seus respectivos territórios, pelas suas características e aptidões típicas. Neste sentido, aliado à um projeto robusto de desenvolvimento de variedades e multiplicação em escala, a comercialização deste material não é só viável como também é estratégica para os territórios e seus grupos sociais. Isto configura uma disputa sobretudo nas áreas em que as variedades crioulas podem superar o desempenho das comerciais, considerando os custos, os riscos e a produtividade.

> O espaço da semente criola, da semente agroecológica, é enorme. Nas áreas toleradas,

> que é 30% das áreas, as variedades comerciais produzem mais que as variedades crioulas. E em áreas marginais, que é 70% das áreas, a variedade crioula produz mais. Então se tu pensar São José do Norte...Rio Grande...Por que tu vai plantar variedade comercial de milho híbrido em Rio Grande? Isso aí, tecnicamente, não faz sentido. Porque tu tá sugerindo que o cara plante um híbrido de alto custo numa área que a variedade crioula dá bem. Então nós temos esse espaço pra disputar. O resto do espaço, 70%, nós estamos disputando. (Entrevistado nº1, 2026)

4.2 Entrevistado nº2

Historiador especializado em Rio Grande do Sul e fundador da Associação dos Guardiões de Sementes Crioulas e da Agrobiodiversidade de Rio Grande, o Entrevistado nº2 começou seu trabalho com o tema, efetivamente, quando foi Secretário da Agricultura de Rio Grande e teve os primeiros contatos com a Embrapa, que já trabalhava a temática dos guardiões de sementes.

> Foi quando o Alexandre ganhou aqui, eu fui convidado para ser secretário. E eu tinha uma noção de ter as sementes tradicionais com o meu avô. A minha família toda é do espaço rural da cidade, eu tive toda essa referência de fora, desse meio, assim, até estudar no CAVG Pelotas. Então, eu tenho curso técnico e sou historiador. Dentro dessa perspectiva, eu conheci o pessoal da Embrapa, Irajá, o Bevilaqua, coisa e tal, que já existia uma tal semente crioula. Então, aí nessa ideia surgiu. (Entrevistado nº2, 2026)

Em seu relato, demonstra interesse especial na questão de uma caracterização histórica relacionando a agrobiodiversidade como importante componente da identidade cultural do território em sua formação histórica, com suas raízes de forte influência portuguesa e açoriana. Destaca-se que neste trabalho é essencial cuidar tanto da semente como patrimônio genético quanto dos sujeitos que as manipulam, sua história e cultura.

> É uma questão açoriana. Nós temos uma região de uma colonização portuguesa. Isso o diferencia de diversos outros locais. E que eu considero não determinante, mas é uma característica da nossa gente, né? Esse resguardo, esse cuidado com essa faixa, assim, povo novo, principalmente. E uma outra coisa que eu dei um viés da história. Brinquei lá com os guris da Embrapa.: Vocês que são melhoristas e pesquisadores cuidam do patrimônio genético. Então, eu vou cuidar do patrimônio social. Porque por trás de uma semente tem um produtor. E dentro dessa perspectiva histórica, é um patrimônio genético, um patrimônio cultural do município. (Entrevistado nº2, 2026)

A relação entre agrobiodiversidade e o desenvolvimento territorial perpassa componentes históricos que remetem às origens da formação cultural e ao processo identitário dos sujeitos da região. Existe a preocupação em rastrear e recuperar essas memórias.

> A partir do momento que eu conheço a região, assim, eu trabalho muito na história com essa questão do interior do Rio Grande. Eu fiz a genealogia e a minha gente tá aqui no Povo Novo desde 1780. Eu, desde aí, comecei a fazer as histórias dessa formação dos distritos de Rio Grande. Alguns tinham milho catete. Outros tinham milho crioulo. Outros tinham melancia. E até hoje, ainda é um garimpo. A semente crioula formatou essa questão do território como uma referência. (Entrevistado nº2, 2026)

Ainda reforçando as conexões entre a história do território e sua agrobiodiversidade, o historiador traz um ponto de vista que celebra o novelo histórico e o mosaico de sujeitos que compõem e enriquecem a identidade dos territórios em sua diversidade cultural.

> Essas sementes são daqui. Essa portuguesada tá aqui há 200 anos e tá trabalhando. Aqui o meu bisavô já tava plantando aqui e Ibarama lá era mato. Não quero menosprezar a questão do italiano. Eu quero dizer, nesse sentido que não existe uma semente açoriana. Aqui nós temos uma semente que às vezes é portuguesa. Então, do ponto de vista dessa localização e da etnografia, nós somos portugueses. É uma característica. Nós somos portugueses daqui e como nós somos açorianos. Nessa região aqui, não temos nada mais de açoriano, talvez só um doce de leite , um croché, um tricot… Eu falo só nesse sentido, não de valorização de especificar uma raça. Então, aqui nós temos o negro, o quilombola, tem a presença do açoriano, que é diferente. (Entrevistado nº2, 2026)

O trabalho da Associação é de, através da articulação dos guardiões, sistematizar a agrobiodiversidade do município a partir do resgate das variedades locais e de suas respectivas origens e histórias. Atrelada à semente, há uma história que remonta o processo de formação do território, da população local e da própria associação, que cultiva estas variedades no seu cotidiano.

> Algumas já não tinham mais, por exemplo, a gente recuperou algumas sementes. Tem milho centenário. Tem o feijão Manuel João, que foi um mascate (ambulante), ele um dia deixou na família dos Brancão um feijão e os caras plantaram, e o feijão deu bem. E o Manuel João, ele rumava para o sul, e nunca mais apareceu. Mas o feijão Manuel João tá entre nós desde 1890. Então eu construí através das histórias. O feijão da praia por exemplo. Tem uma amiga que, viajando, achou feijão da praia em Cabo Verde. Porque a capital de Cabo Verde é a cidade da praia, que fica no sul da África, muito usada como rota de escravos. Se junta à nossa própria formação inicial portuguesa. (Entrevistado nº2, 2026)

Assim, começou um trabalho de sistematizar uma coleção de sementes crioulas de Rio Grande para registro e organização desta diversidade, e posteriormente promover sua circulação nas feiras de troca regionais.

> Bom, aí através disso a gente foi amadurecer todo um processo de conhecimento, fazendo trocas. As primeiras feiras mesmo a gente não levava produtos. Vamos salvar nossas sementes por aqui. Fazer toda uma relação aí de espécies que a gente tem, para organizar as nossas sementes. E apareceu a cenoura nacional, a ervilha nanica, um pouco de cebola, 35 tipos de feijão, abóboras, mugangos. Os mugangos têm três tipos. A melancia, aquela lhoa, que é amarela por dentro e verde por fora. Depois uma que é amarela por fora e vermelha por dentro, que tem um pezinho lá na questão indígena. Aí começamos a registrar e a fazer sementes. Nas primeiras feiras que a gente foi, a gente doava as sementes, fazia esse intercâmbio. (Entrevistado nº2, 2026)

Esse trabalho da associação hoje é amparado por uma Lei Municipal, criada em 2018, que prevê assistência, subsídios e apoios à ações vinculadas à proteção da agrobiodiversidade.

> Com a lei dos guardiões, qual era a minha preocupação? Que quando eu saísse, o pessoal continuasse. Que é o compromisso do município como um patrimônio, não

> ainda declarado, mas a gente sabe que é um patrimônio cultural. É uma lei que o município tem que oferecer condições de fazer encontros, de fazer subsídios, de apoio aos guardiões. A associação ia ter vida própria, assim. A lei dá um condicionante, assim, da legitimidade. juridicamente, tu fica amparado. (Entrevistado nº2, 2026)

O município de Rio Grande é caracterizado pelo grau de urbanização, industrialização e aptidão portuária, e isso influencia o trabalho da Associação nas suas estratégias de conservação das sementes. As escolas e universidades são espaços com alto potencial para, além de articular ações conjuntas, divulgar o debate em torno das sementes crioulas para o município, dialogando com a população. Dadas as particularidades do município, o conceito de guardião de sementes é relativizado para além da zona rural e dos agricultores, estendendo-se também para o espaço urbano.

> Rio Grande é uma cidade urbana, uma cidade marítima, portuária. É uma cidade que não tem o faro do seu espaço rural, que é historicamente pouco reconhecido. Povo novo aqui, a minha gente, tá aqui desde 1778. Então o guardião pra nós não é só o agricultor. Porque tu passa a ser um guardião a partir do momento que tu tens um espaço pequeno e uma dedicação. E eu preciso desse espaço urbano, das escolas pra levar as sementes. Então tem visitação aqui, a gente faz palestras nas escolas, semanas acadêmicas. (Entrevistado nº2, 2026)

Um desafio evidente é o envelhecimento dos agricultores familiares em geral, e em especial os guardiões de sementes crioulas, que enfrentam dificuldades de encontrar sucessores para darem continuidade no cultivo e na conservação. Somado a isso, outros obstáculos e ameaças estão relacionados à fatores fora do controle da associação, como clima e burocracias, que dificultam o acesso à apoios.

> É um problema que a gente tem: A idade. 70% já estão aposentados. Aí me preocupa.O seu Alaor, daqui, vai fazer 80 anos esse ano. Ele planta sozinho mais de 30 tipos de feijão. Melancia, abóbora…E ele tá cansado. Ontem eu estive lá no outro produtor também que já tem problema de coração e o envio tem que diminuir. E essa reposição justifica essa minha ansiedade de levar pro mundo urbano de uma cidade que é Urbana. Então existe uma questão que é estrutural, que é a questão da idade, da sucessão. E existem limites para todo mundo, como a questão do clima. (Entrevistado nº2, 2026)

A associação tem um grupo consolidado que se articula virtualmente. No entanto, é relativo o grau de participação dos guardiões da associação nas atividades propostas como partipação em feiras de sementes e outros eventos. Alguns são comprometidos exclusivamente com o cultivo enquanto outros são mais envolvidos com o tema para além da associação. Independente do grau de atividade, a associação reconhece que todos são guardiões e devem ser incentivados e valorizados.

> A associação está formalizada, mas não está juridicamente trabalhando. Tem um regimento que ficou pronto. No final do ano a gente fez um almoço de final de ano. Lá fizeram algumas trocas. Aí tem um grupo de WhatsApp e a gente se fala “Estou

> colhendo aqui.”. Tem gente do Povo Novo, do Corredor da Palma. Tem um senhor no Arraial, por exemplo, que ele só tem batatas e ervilhas, e ele é um guardião. Outro camarada só faz feira, e ele é um guardião.. Então, nós temos um guardião militante, que é aquele camarada que tá pra tudo: Vai reuniões, vai conhecer outros lugares. Tem uns 10 a 12 que vão a quase tudo. E depois tem aquele guardião que ele não quer se envolver. No total são cerca de 23. Desses 23, uns 12 são os militantes. (Entrevistado nº2, 2026)

Uma das funções da casa de semente é abrigar o material crioulo em diversidade, sem priorizar o volume. Isto permite proteger a agrobiodiversidade de extremos climáticos como secas e enchentes. Uma alternativa estratégica para diminuir os riscos de perder alguma variedade é a formação de bancos difusos, baseadas em relações de apoio mútuo entre os agricultores através de trocas internas.

> O que a gente fez aqui foi o seguinte: Há uma troca interna. Porque nós temos áreas diferentes. Por exemplo, nas enchentes, um produtor de cenoura lá da Barra Falsa, viu as garrafinhas deles boiando porque a água entrou no galpão. Até hoje eu não sei onde foi parar as garrafas. Então, o que a gente faz? Fazem uma troca. Porque um pode estar seco. “Eu perdi, mas o outro tem.”, “Deu seca mais desse lado. Mas aqui na Ponta da Palma não tem.”, “Deu uma cheia lá na ilha do Arraial e Quitéria. Mas não deu cheia aqui na parte alta.” Então, internamente a gente meio que se protege. (Entrevistado nº2, 2026)

É preocupante a falta de um ambiente institucional favorável para a conservação da agrobiodiversidade. Além das ameaças de contaminação de variedades de polinização aberta, a dependência de sementes melhoradas, híbridas e transgênicas é uma ameaça percebida pelos guardiões, de modo geral, enfatizando a valorização da autonomia dos processos.

> Foi do seu Alaor (guardião) a melhor definição de transgênico que eu tive até hoje. Perguntei pra ele “Por que tu não quer transgênico?”. Ele disse: “Porque a semente que eu tenho é minha. O meu pai deixou pra mim, eu dou pra quem eu quiser. Essa outra eu tenho que comprar.” Tem programas do governo do estado, até federal, que dão milho, o governo do estado faz essas doações, dá as sementes. Então hoje quase não precisa ter semente de milho. Então tu vai perdendo essas características. (Entrevistado nº2, 2026)

Como conclusão sobre o trabalho da associação e o papel que desempenham no território, o entrevistado aponta para uma resistência ativa, que apesar do ambiente desfavorável e do poder dos interesses dominantes, luta insistentemente sem resignação. O objetivo da luta é consolidar mais um entre tantos exemplos de modelos alternativos de organização e sistemas produtivos mais sustentáveis que os convencionais.

> Existe uma engrenagem que é muito forte, o modelo que está aí, ele é excludente. Quando os governos dizem que estão apoiando o produtor, ele está ajudando, mas ele não ajudou na preservação das sementes. Então, por exemplo, agora saiu do governo do Estado, doação de milho transgênico. Então, eu digo que é uma resistência, mas também é uma insistência. Uma insistência de mostrar que é possível se plantar. Porque a gente tem produtor hoje que não sabe produzir sem um agrotóxico. E como é que vai trabalhar nessa lógica? É muito difícil. Então, a gente luta, né? (Entrevistado nº2, 2026)

Diante disso, uma casa de sementes está nos horizontes da associação, que seria um importante instrumento de blindagem contra estas ameaças. A casa de sementes da Associação ainda é idealizada, em processo de discussão e planejamento, mas é uma pauta eminente para a associação, que almeja uma estrutura mínima para funcionar adequadamente. Com sua consolidação, a expectativa é que se estabeleça um espaço de múltiplas funções para além de serviços ambientais, valorizando também a identidade territorial com relação à sua história e cultura. Assim, espera-se uma atuação tanto prática como simbólica, conservando a agrobiodiversidade territorial junto às comunidades enquanto atua como banco de sementes, e dialogando com a população local enquanto atua como uma espécie de "museu da semente", onde a semente crioula seria exposta e valorizada como componente histórico da formação territorial e dos grupos sociais envolvidos.

> Então a casa de semente, ela é muito mais que só uma casa. Está para a gente fazer uma hora aqui, não tem ainda nenhum lugar. Mas a casa de sementes é muito mais complexa. Tem que ter um pequeno secador, balança, tem que ter uma pré-seleçãozinha.(...) Tá pra sair um monte de projeto, mas não saiu nada. Mas como eu sou historiador. Um dia eu pensei: "quem sabe o Museu da Semente?". Uma coisa mais institucional. É bom porque é para não perder. Mas eu não creio que ela fosse simbólica. Eu creio que ela realmente fosse uma casa de sementes mesmo, efetivamente, com essa ideia é do território, esse pertencimento. (Entrevistado nº2, 2026)

5. Considerações finais

Partindo do pressuposto de que os dois entrevistados trataram da mesma problemática central, é perceptível que suas falas se complementam. Convergem na percepção de que as Casas de Sementes funcionam para evitar a erosão genética e cultural: ambos destacam a urgência de manter bancos locais articulados com organizações e instituições, a demanda por uma estrutura mínima para operar, a necessidade de protocolos básicos de armazenamento e a importância de integrar saberes tradicionais com o conhecimento técnico e científico. Também há concordância sobre os entraves recorrentes: financiamento instável, ausência de políticas públicas consistentes, reconhecimento e apoio insuficientes e a pressão de modelos agrícolas convencionais que desincentivam a diversidade.

As particularidades de cada entrevistado apontam para papéis distintos dentro do mesmo ecossistema. Enquanto um enfatiza aspectos técnicos e operacionais como critérios de seleção de sementes, registros de procedência, mostrando uma visão orientada à governança sustentável em torno da segurança genética. O outro privilegia a dimensão histórica e social local, pautando a mobilização comunitária. Essas diferenças não se contradizem. Antes,

revelam lacunas complementares que precisam ser integradas para que a preservação seja efetiva e socialmente legitimada.

A análise das entrevistas mostra que soluções fragmentadas tendem a fracassar diante de pressões econômicas e climáticas. A manutenção de Casas de Sementes exige simultaneamente protocolos de conservação e estratégias de governança local que visem a manutenção da agrobiodiversidade em diversidade, mas também em volume, possibilitando a inserção das variedades crioulas no mercado de sementes. Isto depende de estratégias conjuntas que integrem a valorização dos trabalhos dos Guardiões de Sementes, centrais neste processo, das Casas de Sementes, como abrigo desta diversidade, e das Unidades de Beneficiamento de Sementes, que viabilizam maiores volumes; negligenciar qualquer uma dessas dimensões reduz a eficácia das iniciativas.

A sustentabilidade das Casas depende de eixos que aparecem de forma recorrente nas falas: financiamento estável, políticas públicas que reconheçam a diversidade como ativo estratégico e articulação profícua e harmoniosa entre os atores envolvidos. Sem esses vetores, as Casas viram iniciativas isoladas e vulneráveis, sujeitas à conjuntura política e econômica. A crítica aqui é direta: há muita retórica sobre "preservação", pouca estruturação institucional e poucos mecanismos de responsabilização. O Estado não reconhece o poder inerente à semente como recurso estratégico de segurança nacional e soberania alimentar.

Outro ponto crítico é a relação entre preservação e desenvolvimento territorial. Quando a conservação de sementes é tratada como fim em si mesma, perde-se a oportunidade de integrar geração de renda, educação ambiental e fortalecimento de redes locais. Por outro lado, quando se instrumentaliza a conservação apenas como recurso econômico, corre-se o risco de esvaziar seu valor cultural e genético. A proposta prática que emerge diante disto é que políticas e projetos devem articular metas estratégicas e ações combinadas, integrando indicadores sociais, ambientais e econômicos que reflitam a complexidade do território.

A preservação de sementes crioulas no Rio Grande do Sul exige uma mudança de escala e redes estáveis que integrem os atores envolvidos, financiamento de longo prazo e instrumentos públicos que reconheçam e protejam a diversidade como patrimônio. Sem isso, "guardar para não perder" continuará sendo um lema bem-intencionado, porém insuficiente. É preciso transformar intenção em um arcabouço institucional e responsabilidade coletiva; caso contrário, a perda não será apenas evitada, apenas adiada.

Neste sentido, as casas de sementes desempenham múltiplas funções que são vitais para a viabilidade e autonomia dos processos, atuando como repositórios da

agrobiodiversidade em diálogo com os grupos sociais rurais e seus territórios. A semente crioula, além de componente da cultura alimentar, da identidade e da história destes grupos, representa uma ferramenta na construção de agroecossistemas mais resilientes. Além disso, apresenta potencial para atingir escala comercial e disputar áreas marginais agricultáveis, podendo se tornar fonte de renda, preservando saberes locais, valorizando a diversidade de culturas e sendo um importante elemento estratégico de segurança nacional na questão da soberania alimentar a autonomia dos povos. Este potencial, especialmente no Rio Grande do Sul, carece de um programa de desenvolvimento robusto e bem articulado com os atores sociais envolvidos. Com este trabalho, se abrem novas possibilidades de explorar esta temática, sob outras perspectivas, por exemplo analisando mais detalhadamente outros elos deste processo ou como se dá a articulação dos atores como um todo, identificando seus papeis e suas inserções, ou possíveis gargalos e potencialidades não exploradas.

6. Referências

ALMEIDA, P.; CORDEIRO, A. Semente da paixão: estratégia comunitária de conservação de variedades locais no semiárido. Rio de Janeiro: ASPTA, 2002.

ALTIERI, M. A. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. Guaíba: Agropecuária, 2002. 592 p.

BEVILAQUA, Gilberto Antonio Peripolli, et al. Desenvolvimento in situ de cultivares crioulas através de agricultores guardiões de sementes. Cadernos de Agroecologia [Volumes 1 (2006) a 12 (2017)], 2009, 4.1.

CORDEIRO, A. Gestão de bancos de sementes comunitários. Rio de Janeiro: AS-PTA, 1993.

SANTOS, C.C; MONTEIRO, L. B. Importância das Casas de Sementes Crioulas para Agricultura Familiar no Município de Crato, CE. AGROECOL - Sementes e Propágulos de Base Agroecológica. v. 13 n. 2 (2018): Anais do AGROECOL 2018; 11 a 14 de novembro de 2018, Campo Grande/MS. Disponível em: http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/222

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. História das agriculturas no mundo. *Do Neolítico à crise contemporânea. Sao Paulo, Brasil: UNESP*, 2010.

PROENÇA, Mariana Luiz, et al. As casas de sementes comunitárias como estratégia de conservação da biodiversidade agrícola no semiárido brasileiro. 2022.

SANTILLI, Juliana. Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores. Editora Peirópolis LTDA, 2009.